Sindicato dos Servidores Públicos Federais no Estado de Pernambuco

Informativo - Ano XV - nº 181

RECIFE | MARÇO| 2016

GARRA

Receba nossos informativos online.**Cadastre** seu e-mail no site **www.sindsep-pe.com.br**

Senado golpeia **Petrobras** e aprova projeto do **PSDB**

página 9

Betânia Ávila fala sobre **desigualdade** de gênero

páginas 10 e 11

Campanha salarial será lançada no **dia 16**

página 5

Liberte-se dos **venenos,** coma produtos **orgânicos**

páginas 6 e 7

páginas 6 e 7

página 13

página 14

páginas 10, 11 e 12

OPINIÃO

Um **dia** para lembrar a **luta** das **mulheres**

Lembrar o 8 de Março é muito mais que uma homenagem às mulheres. O Dia Internacional da Mulher é antes de tudo uma data política, um marco histórico na luta pela igualdade de gênero e emancipação da mulher. Em 1857, operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque fizeram uma grande greve por melhores condições de trabalho. Na época, elas trabalhavam 16 horas diárias e exigiam a redução para 10 horas. Também reivindicavam equiparação de salários com os homens, já que muitas delas chegavam a receber até um terço do dos homens para executar o mesmo serviço. E mais: elas não abriam mão de um tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

O resultado disso foi repressão e violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada, e aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas. Passados 159 anos, muita coisa mudou, alguns avanços aconteceram, mas muita coisa continua como antes. As mulheres ainda sofrem com jornadas excessivas de trabalho, salários mais baixos que os dos homens e desvantagens na carreira profissional, além da dupla e tripla jornadas, se levarmos em consideração trabalhos domésticos, filhos, estudos e outros fatores.

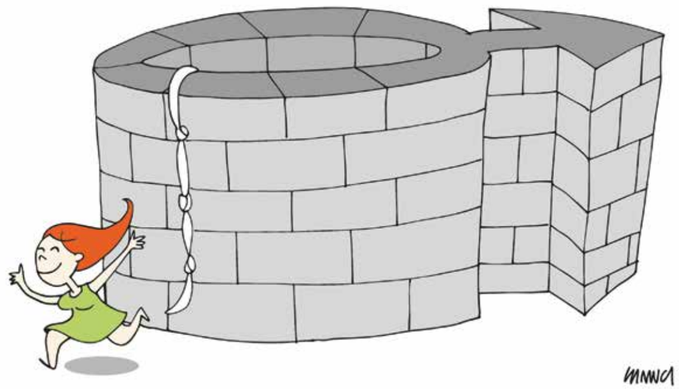
Ainda vivemos em uma sociedade machista, que percebe a mulher como ser menor, que deve se sujeitar ao querer do homem. Uma sociedade que tem a família tradicional e seus maiores meios de comunicação como propagadores de preconceitos. Ano após ano, os meios de comunicação expõem o corpo feminino como mercadoria ou como atrativo para comercializar programas e produtos. Além disso, temos um Congresso Nacional que resolveu desengavetar as mais retrógradas pautas, muitas delas que representam um retrocesso para a luta da mulher, como o que põe obstáculo ao atendimento à mulher vítima de estupro, nos atendimentos pelo SUS.

Não é à toa que os números da violência contra a mulher têm aumentado nos últimos anos, vitimando milhares de brasileiras reiteradamente. O pré-carnaval e o carnaval deste ano são exemplos. Eles renderam quase três vezes mais denúncias de violência contra a mulher do que o mesmo período do ano passado. O dado é da Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Entre os dias 1º e 9 de fevereiro foram 3.174 relatos de agressão. O aumento é de 174% em relação ao registrado em 2015, quando foram feitas 1.158 denúncias entre os dias 10 e 18.

Por tudo isso não devemos, jamais, descansar e baixar a guarda para o preconceito. A luta por direitos iguais deve ser diária e só cessar quando não existir mais diferença entre gêneros. Só assim iremos fazer jus ao 8 de Março e a todas as mulheres que lutaram e morreram em prol de avanços sociais.

Graça Oliveira
Coordenadora geral do Sindsep-PE

CHARGE SAMUCA



ÚLTIMAS

Em defesa do Brasil

Em mais uma ação em defesa da democracia e da Petrobras, os movimentos sociais agendaram para o próximo dia 31 de março uma grande mobilização nacional. Haverá atividades políticas em todo o país contra o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, contra a retirada da obrigatoriedade da Petrobras na exploração de 30% do pré-sal e contra a retirada de direitos imposta aos trabalhadores pelo Congresso Nacional.

O Sindsep-PE convoca os servidores e toda a sociedade a participar das manifestações que devem acontecer em Pernambuco, a qual será amplamente divulgada nos informativos da entidade. Até o fechamento desta edição a programação ainda não tinha sido fechada. Fique atento.

ATENÇÃO

"Amor à natureza" VAMOS RECICLAR

EXPEDIENTE

Revista editada pela Secretaria de Imprensa do Sindicato dos Servidores Públicos Federais no Estado de Pernambuco
Rua João Fernandes Vieira, 67 – Boa Vista
CEP 50.050-200 Recife – PE
Fone: **3131.6350** Fax: 3423.7839
Home: **www.sindsep-pe.com.br**
e-mail: sindsep@sindsep-pe.com.br
imprensa@sindsep-pe.com.br

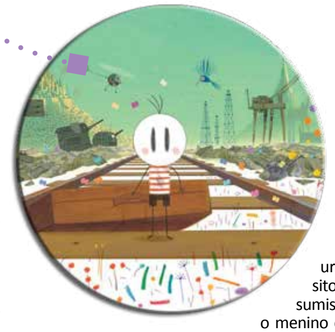
Coordenação Geral
Maria das Graças de Oliveira
Secretaria Geral
José Carlos de Oliveira
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Isac dos Santos Neto,
Sérgio da Silva Goiana
e Valdemar Joaquim de Santana

Jornalista Responsável e Edição
Fabíola Mendonça
Texto
Fabíola Mendonça (DRT-2506),
Deyse Lemos (DRT 3909),
Alexandre Yuri (DRT 2942)
Revisão **Mª de Lourdes Souto Maior Araujo**

Fotos **Arquivo SINDSEP-PE e Divulgação**
Ilustrações **Samuca**
Projeto gráfico, capa e diagramação
Karla Tenório (DRT-2468)
Impressão **CCS**
Fone: 3458.0000
Tiragem 12.000 exemplares

CINEMA

O **Mundo** sob a ótica do **Menino**



Ganhar ou não o Oscar 2016 era só um detalhe - quer dizer, para toda equipe que esteve por trás da produção é muito mais que um detalhe, é o prêmio máximo do reconhecimento. Para o público e os apreciadores de um bom filme, *O Menino e o Mundo* é um presente encantador, mágico, lúdico, independente do resultado da maior celebração do cinema mundial, que deu à superprodução *Divertida mente* a estatueta do melhor filme de animação, desbancando *O Menino e o Mundo*, primeiro longa brasileiro a concorrer ao Oscar na categoria animação.

O filme é a representação real de uma sociedade marcada pelo capitalismo degradante, a partir da ótica inocente de um menino. De um menino que vai em busca do seu pai e se depara com novas descobertas. De um menino que descobre o mundo. Dirigido por Alê Abreu e com técnicas artesanais de criação e expressão "não existem falas, os diálogos se dão com gestos, cores e sons -, o filme traz à tona problemas do mundo contemporâneo, como poluição, desemprego e automação, exploração dos trabalhadores, deterioração das cidades, enfim, faz uma crítica à desigualdade social. Tudo isso apresentado pelo olhar de um menino.

Em um cenário rural e multicolorido, o menino leva uma vida simples e familiar, na companhia do pai e da mãe, até que o pai segue para a cidade em busca de trabalho. Infeliz, diante da ausência do genitor, o garoto vai ao encontro do pai e entra numa viagem fascinante e decepcionante e se depara com as contradições do mundo. Tudo isso em um cenário multicolorido, a partir de técnicas como colagens, giz de cera, aquarela e lápis de cor.

Ao contrário do colorido rural, o menino descobre uma urbe cinzenta, carregada de máquinas, favelas, caos no trânsito e violência. Uma cidade sem árvores, com miséria, consumista, dividida entre ricos e pobres. Ao desvendar o mundo, o menino descobre as mazelas do capitalismo, fazendo com que o público reflita e questione acerca da desigualdade social, a qual vem se naturalizando na mente das pessoas como algo normal, o que não é.

O roteiro do filme é impulsionado pela trilha sonora assinada pelo rapper Emicida, com arranjos de Naná Vasconcelos, uma combinação que valoriza ainda mais o processo dialógico. *O Menino e o Mundo* é o convite à reflexão, à revisão de valores e de atitudes. Leva o público a pensar nas escolhas e nos caminhos a seguir. Para além de ter levado ou não a estatueta do maior prêmio do cinema mundial, *O Menino e o Mundo* é um filme que vale a pena ver.

RECONHECIMENTO

Lançado em 2014, *O Menino e o Mundo* teve pouca repercussão no Brasil. Até ganhar o mercado internacional, sendo vendido para mais de 80 países, o que lhe garantiu o prêmio de melhor animação no Festival Internacional de Havana. No início desse ano, foi eleito o melhor longa de animação independente no Annie Awards, nos Estados Unidos, considerado o Oscar da animação.

A indicação para o Oscar de melhor animação em 2016 vem para coroar a beleza, a delicadeza, a qualidade, a inteligência e a universalidade da produção. Vem também para provar que é possível fazer bons filmes longe das grandes produções do circuito hollywoodiano.

Dieese completa **60 anos** de **dedicação** aos **trabalhadores**

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) vem recebendo uma série de homenagens em todo Brasil, desde o final de 2015, quando completou 60 anos de história e serviços prestados aos trabalhadores brasileiros. Em Pernambuco, o órgão foi homenageado durante sessão solene realizada na Assembleia Legislativa do Estado (Alepe), no dia 17 de fevereiro.

A sessão, convocada pela deputada estadual Teresa Leitão (PT), contou com a presença de trabalhadores, representantes de sindicatos, centrais sindicais, movimentos sociais e políticos. Na ocasião, a coordenadora geral do Sindsep-PE e representante da Executiva Nacional do Dieese, Graça Oliveira, recebeu uma placa comemorativa aos 60 anos da entidade.

"O Dieese é um patrimônio do movimento sindical e da sociedade em geral pelo trabalho que presta a todos. O departamento possibilita que os representantes dos trabalhadores possam ir a uma mesa de negociação com os dados estatísticos necessários à luta por nossos direitos", ressaltou Graça Oliveira.

À noite contou ainda com a presença do vereador Jurandir Liberal, representando a Câmara dos Vereadores do Recife, do secretário-geral do Sindsep-PE, José Carlos Oliveira, além de outros diretores do sindicato, da economista Tânia Bacelar, do coordenador do escritório regional do Dieese/PE, Dinaldo Lessa, da supervisora técnica do escritório regional do Dieese em Pernambuco, Jackeline Natal e da técnica do Dieese responsável pelo PED, Milena Prado, além do deputado José Maurício, responsável por presidir a sessão.

CERIMÔNIA Graça Oliveira, do Sindsep-PE, representou o Dieese na solenidade

TRAJETÓRIA

A deputada Tereza Leitão lembrou um pouco da história do Dieese em seu discurso. Na década de 1950, as lutas sindicais encontravam dificuldades em comprovar que os percentuais reivindicados pelos trabalhadores eram justos. Teve início o debate sobre a criação de um organismo de levantamento de custo de vida, nascendo o Dieese em 22 de dezembro de 1955, formado por um grupo de 20 dirigentes sindicais paulistas. Após o golpe de 1964, o Dieese sofreu com a desarticulação do movimento sindical e foi impedido de realizar suas funções devido à intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, onde estava sediado.

> A consolidação do Dieese aconteceu em 2010, com a fundação da Escola de Ciência do Trabalho

Mas, mesmo com a repressão, o Departamento conseguiu apoiar os trabalhadores, fornecendo cálculos e estudos sobre a política salarial, cada vez mais arrochada. Em 1981, para renovar a base de calculo do ICV, foi criada a Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego, PPVE, que se estendeu até 1983. A PPVE está na origem da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), lançada no final de 1984.

Em maio de 2010, a história da entidade foi coroada com a concretização de um de seus mais ambiciosos projetos: a fundação Escola Dieese de Ciências do Trabalho, com disciplinas de especialização para dirigentes sindicais. "Desde sua fundação, o Dieese viveu um processo de expansão, consolidação e modernização. Sua história é marcada pela coerência com a busca da unidade na ação sindical e com a prestação de serviços à classe trabalhadora como um poderoso instrumento na clássica luta entre capital e trabalho", destacou Teresa Leitão.

Apesar de toda história de prestação de serviços do Dieese, em 2015, 66 técnicos que realizavam a pesquisa do PED, foram desligados de suas funções devido à falta de contrapartida do Governo do Estado para a realização da PED."Esse desligamento trouxe prejuízos concretos para Pernambuco que passou a não contar com esse importante instrumento científico para o diagnóstico de informações", concluiu Teresa Leitão.

Servidores prontos para **campanha salarial** unificada

A campanha unificada 2016 dos servidores públicos federais será lançada no próximo dia 16 de março. A definição foi tomada durante reunião do Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasef), em reunião realizada nos dias 27 e 28 de fevereiro. Esse ano, não haverá negociação para reajuste salarial, já acordado na campanha passada, mas os servidores lutarão uma apolítica salarial permanente para a categoria e por diversos eixos que integraram as campanhas salariais anteriores e ainda não foram atendidos.

Entre os eixos a serem negociados estão a defesa do direito de greve e da regulamentação da negociação coletiva no setor público, recomendada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Os funcionários públicos federais também irão reivindicar o estabelecimento de uma data-base em 1º de maio e o reconhecimento à paridade entre ativos, aposentados e pensionistas.

"São pontos pelos quais estamos lutando há mais de dez anos. Por isso, a importância de unificarmos ao máximo essa campanha em torno de todas as confederações e federações que representam os servidores. As categorias não devem negociar em separado com o governo para não enfraquecer o movimento", destacou o diretor de Assuntos Jurídicos do Sindsep-PE e diretor da Condsef, Fernando Lima.

A construção da unidade, entre os federais, tem o objetivo de se contrapor ao atual quadro político em que se encontra o Brasil, com ataques constantes por parte do Congresso Nacional e do governo aos direitos da classe trabalhadora. O objetivo da categoria é o de buscar a valorização de seu trabalho e garantir serviços públicos de qualidade para todos.

São ainda demandas dos servidores a isonomia de todos benefícios entre os três poderes e a incorporação das gratificações produtivistas. Apesar de a conjuntura política atual ser bastante adversa, os trabalhadores também irão lutar para que o Congresso Nacional aprove projetos importantes para o setor público e derrube aqueles considerados prejudiciais.

A campanha unificada 2016 irá exigir o cumprimento dos acordos assinados; a aprovação da PEC 555/06, que extingue a cobrança previdenciária dos aposentados; e a aprovação da PEC 56/14, que trata da aposentadoria por invalidez. Também irão incorporar a luta contra o fim do abono permanência (PEC 139/15); reivindicar o veto a lei antiterrorismo e ao projeto da terceirização; e defender novas vagas para concurso pelo Regime Jurídico Único (RJU). O Fórum dos Federais se posicionou ainda contrário a reforma da Previdência.

> "As categorias não devem negociar em separado com o governo para não enfraquecer o movimento"

Agenda cheia no primeiro trimestre

Durante o encontro do Fórum, os servidores também discutiram a realização de encontros e seminários. Entre os assuntos que deverão ser tema dessas atividades estão precarização do trabalho; a natureza do Estado e serviços públicos envolvendo União, estados e municípios; plano de saúde e fundo de previdência (Funpresp); crise ambiental e ataques ao licenciamento; acessibilidade; Lei de Responsabilidade Fiscal; auditoria da Dívida Pública.

Ainda constam entre os temas para discussão e aprofundamento reforma política; direitos dos povos indígenas e quilombolas; fim do superávit primário, correção da tabela do imposto de renda; e modalidades de trabalho remoto. A ideia é promover reuniões quinzenais para debater esses assuntos. Outra proposta é que o Fonasef também desenvolva atividades mensais para chamar atenção sobre essas pautas urgentes para a categoria.

MANIFESTAÇÕES

Uma semana antes da reunião do Fonasef, a Condsef se reuniu em seu Conselho Deliberativo de Entidades. Entre os encaminhamentos foi aprovada a participação dos servidores em um ato nacional no dia 31 de março contra os ajustes fiscais e as tentativas de retirar direitos dos trabalhadores. Na pauta, a luta contra uma nova reforma da Previdência, pela suspensão do pagamento da dívida pública e pelo fim do superavit primário, responsáveis por travar o desenvolvimento social e econômico do país.

Os federais também irão participar de atos que acontecem em Brasília no dia 14 de abril e 1º de maio, integrados com outras categorias e movimentos da sociedade.

Feira de **orgânicos** do Sindsep-PE é garantia de **produtos saudáveis**

Toda quinta-feira, o agricultor João José dos Santos acorda de madrugada, ainda no escuro, e pega a estrada para, antes das 6h, já estar atendendo seus clientes na feirinha de produtos orgânicos do Sindsep-PE. Ele sai do Assentamento de Serra Branca, em Vitória de Santo Antão, percorre primeiro 13 km de estrada de barro até chegar à BR 232 e, depois, outros 50 km até o destino final. Essa rotina se repete desde o final de outubro passado, quando foi realizada a primeira feira no sindicato, no bairro da Boa Vista, algo que já se consolidou.

Antes, João ficava num banco na feira do bairro de Casa Forte, mas, como lá são 50 bancas, o agricultor decidiu se dedicar só o Sindsep, além de participar, aos sábados, de outra feira em Vitória. Por semana, chega a tirar R$ 800. "Se fosse no convencional (produtos com agrotóxicos), talvez tirasse até mais. Mas não quero, não", enfatiza o agricultor, que há mais de quatro anos cultiva apenas produtos orgânicos. "Dá trabalho, mas eu não estou me envenenando. O apurado pode não ser muito, mas sempre dá", diz ele, acrescentando que está muito satisfeito com a consolidação da feira do Sindsep.

Ao decidir abolir os agrotóxicos da sua plantação, seu João, como é conhecido, não está mais envenenando só a ele, mas a toda sua clientela. E isso é uma tendência crescente da sociedade em substituir produtos que utilizam técnicas convencionais de venenos. Para isso, a agricultura familiar utiliza o sistema de rotação, em que é possível plantar com as mesmas culturas, alternando apenas o lugar. Numa plantação convencional, ao invés dessa mistura de culturas, há uma longa faixa de terra para apenas um tipo de hortaliça ou verdura.

O agricultor Paulo Maurício da Silva, em um mesmo roçado em Mocotó - próximo ao Assentamento Serra Grande -, planta alface lisa, alface crespa, alface francesa, alface americana, coentro, cebolinho, alho poró, bredo, rabanete e beterraba. Ele tem mais de dez anos no orgânico e vende seus produtos na feira de Boa Viagem (1º Jardim), aos sábados, e no Espinheiro (ao lado da Igreja), toda sexta. Paulo e João têm uma parceria, na lógica da agricultura familiar: eles se ajudam no cultivo do roçado e um vende o produto do outro. João foi para o orgânico por opção, já Paulo, foi no susto. O irmão dele, também agricultor, adoeceu. Trabalhava com agrotóxico e o médico deu o ultimato: "ou para de usar veneno ou morre."

Por que o orgânico é mais saudável

Produtos Orgânicos	Com agrotóxicos
Usa adubos e fertilizantes naturais	Usam agrotóxicos (venenos)
Não contamina o agricultor	Contamina o agricultor
Rotação de cultura	Terra sem descanso
Roçado vira adubo	Roçado é queimado, contaminando a terra e o agricultor
Usa sementes naturais	Usa sementes transgênicas
Sementes férteis (se reproduzem)	Sementes estéreis (não se reproduzem)
Durabilidade maior dos produtos	Produtos apodrecem mais rápido
Maior propriedade nutricional	Menor propriedade nutricional

Agricultura familiar incomoda agronegócio

A conscientização de uma parcela considerável da população do mal que os produtos convencionais fazem à saúde vem incomodando setores do agronegócio e os grandes produtores. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, 70% dos alimentos consumidos no Brasil vêm da agricultura familiar. De olho no mercado interno, o agronegócio tem promovido nos últimos anos uma verdadeira campanha para desacreditar os orgânicos.

Para o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape), Doriel Barros, o agronegócio sente-se ameaçado. Um dos motivos seria o aumento significativo de investimento na última década na agricultura familiar. Só o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e o Plano Safra injetaram mais de R$ 24 bilhões no setor entre 2014 e 2015.

PIRES "Ameaçado, o agronegócio quer tomar conta do campo"

O Programa Nacional de Alimentação Escolar do Ministério da Educação e o Programa de Aquisição de Alimentos do Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome também têm preferido a compra de produtos da agricultura familiar. Mesmo assim, o Brasil continua ocupando a posição de maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Só em 2014 foram vendidas mais de 914 toneladas do produto no país. O Estado que mais consumiu o veneno foi Mato Grosso. Pernambuco ocupa o 14º lugar.

Para o coordenador do Centro Agroecológico Sabiá, Alexandre Pires, há um movimento histórico dos grandes grupos econômicos de tornar o campo um local inóspito. "Existem várias frentes para desqualificar o campo, de torná-lo atrasado e improdutivo, com o objetivo de mercantilizar o meio rural. O agronegócio quer esvaziar para tomar conta, mas os agricultores resistem."

Agrotóxicos: uma ameaça ao agricultor e ao consumidor

Se por um lado a agricultura convencional faz mal aos agricultores que lidam com a plantação, os produtos comprometem igualmente a saúde de quem os consomem. O malefício extrapola o ofício do agricultor e chega à mesa do consumidor, que, ao comer produtos com agrotóxicos, está se envenenando. Há informações de que esses alimentos, utilizados a longo prazo, provocam várias doenças, entre elas o câncer.

A plantação orgânica tem toda uma preparação, o que deixa os produtos, em alguns casos, mais caros que os que utilizam veneno. Os orgânicos exigem mais trabalho braçal e ainda levam mais tempo para serem colhidos. Em vez de herbicidas, fungicidas, adubos e fertilizantes sintéticos, os agricultores usam rotação de cultura, compostagem e adubos naturais, feitos a partir de roçado, restos de frutas e verduras, mamona e manipueira (líquido amarelado que sai da mandioca para ela virar farinha, antes descartado).

Também são utilizadas soluções simples para manter a plantação livre dos insetos. Colocam-se armadilhas nas plantas, observa-se no final da tarde a desova das lagartas e tira-se manualmente os ovos para eles não se reproduzirem. Aos 52 anos, João de Ronda, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pombos, cita duas coisas que o deixam orgulhoso: ter nascido na roça e nunca ter usado agrotóxicos em suas plantações.

"O que mais me revolta é que os mesmos laboratórios que produzem os agrotóxicos para nos envenenar, produzem os remédios. Como pode?", questiona João de Ronda, ressaltando que, na infância, quando passava pelos canaviais, o corpo reagia logo aos agrotóxicos. "Tinha tosse, a garganta coçava, nunca gostei."

HARMONIA COM A NATUREZA

O presidente da Associação dos Produtos Orgânicos da região, Severino Francisco Monteiro Filho, conhecido como Bil, explica que na plantação convencional, para o fruto florescer mais rápido, é colocado fósforo, nitrogênio e potássio. A planta cresce, floresce, mas com poucas propriedades nutricionais. Da mesma forma que crescem rápido, morrem rápido. "Estão se matando e matando os outros", diz ele, referindo-se aos agricultores que usam os venenos. Ele já utilizou agrotóxicos, mas há mais de dez anos resolveu mudar de vida. "Diziam que estava doido, alguns zombavam da minha cara. Um deles hoje em dia é cego de tanto pulverizar herbicidas nas plantações, conta Bil, acrescentando que muitos agricultores plantam, mas não comem.

Bil explica que, para deixar de plantar convencional e passar a produzir o orgânico, a terra precisa descansar de seis meses a um ano, dependendo do veneno utilizado. Para superar esses e outros obstáculos, fugir da figura do atravessador e conseguir um incremento maior na renda familiar, muitos agricultores orgânicos trazem seus produtos para vender no Recife e outras cidades.

São várias feiras orgânicas espalhadas pelo Estado. Mas é bom ter cuidado. Como não existe fiscalização por parte do governo, muitos charlatões estão usando de má fé e vendendo alimentos envenenados no lugar de orgânicos. Alexandre Pires, do Centro Sabiá, diz que o segredo é investigar a procedência da feira.

BIL "Estão se matando e matando os outros"

Por mais **mulheres** nos **espaços** de **poder**!

As mulheres representam 51% da população brasileira, ocupam mais de 600 cadeiras nos executivos e legislativos, em âmbito municipal, e passaram a assumir 12,3% do total de prefeituras a partir de 2013, conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)1. O órgão registrou um aumento de 21,3% no número de candidatas nas eleições de 2012, em relação ao pleito de 2008.

Os dados reforçam a tese de que as mulheres querem participar de espaços de poder em um país que possui apenas quatro delas ocupando vagas entre os 41 ministérios, além da presidenta da República. Apenas 10% do parlamento federal é ocupado por mulheres. Na Câmara dos Deputados, temos somente 45 deputadas contra 468 homens. Mesmo tendo maior escolaridade, as mulheres ainda ocupam apenas 20% dos cargos de maior nível no parlamento, nas administrações municipais e estaduais (TSE/2012).

Além disso, o país amargou uma queda em 14 posições no ranking mundial de igualdade de gênero em 2015. O Brasil, que já esteve, em 2014, na 62ª posição, ocupa, agora, o 85º lugar entre 145 países do mundo, de acordo com o relatório Global Gender Gap de 2015, realizado pelo Fórum Econômico Mundial, cuja primeira edição data de 2006.

No mês em que o mundo lança os olhos para a situação das mulheres, é preciso reconhecer que, a despeito dos avanços nas políticas de igualdade de gênero, sobretudo nos últimos dez anos, o Estado brasileiro ainda não conseguiu superar uma herança machista histórica: a violência contra as mulheres. De acordo com um estudo das Organizações das Nações Unidas, de 2015, o Brasil está na 5ª posição no ranking global de assassinatos de mulheres, entre 83 países pesquisados. Entre as maiores vítimas, estão as negras. O estudo revela um crescimento de 54,2% nos homicídios desse grupo étnico, com um aumento de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013.

> “A mulher precisa sair das margens para ocupar espaços de decisão em todas esferas sociais”

A força do sexismo pode ser ilustrada quando analisamos os depoimentos dos/as entrevistados/as pelo estudo da Fundação Perseu Abramo, *As Mulheres nos Espaços Públicos e Privados*, de 2010. O levantamento aponta que 90% dos homens e 94% das mulheres ouvidos consideram que há machismo no Brasil. É também por isso que, em um ano eleitoral, onde os partidos políticos apresentam suas plataformas e propostas para seus/suas eleitores/as, a pauta dos direitos humanos das mulheres precisa estar em discussão. Estamos tratando da importância do empoderamento de uma população historicamente subordinada aos ditames do sexismo, e que precisa sair das margens para ocupar espaços de decisão em todas as esferas sociais.

Nas eleições de 2016, precisamos discutir, inclusive, a violência que as mulheres sofrem quando pretendem ocupar espaços de poder. Até o sistema de cotas para os registros das candidaturas femininas, pelos partidos, vem sendo questionado pelo Congresso Nacional. A recente formação do Partido da Mulher Brasileira, onde os homens representam esmagadora maioria, fala por si só acerca das estratégias masculinas de dominação.

Se em 2015 vivemos “a primavera das mulheres”, quando essa população foi às ruas com muito mais força, para lutar contra as ameaças de retrocesso aos seus direitos sexuais e reprodutivos, o ano de 2016 precisa ser aquele em que a população feminina vai exigir, dos partidos políticos e do Estado, prioridade na execução de políticas públicas que possam viabilizar a correção das desigualdades históricas sofridas pelas cidadãs brasileiras.

DIREITO

Sindicato vai à **Justiça** contra **Geap**

O Sindsep-PE entrou com uma ação civil pública coletiva contra o plano de saúde Geap, que aplicou, no início de fevereiro, um reajuste abusivo nas mensalidades dos segurados. O índice médio foi de 37,55%, mas, em alguns casos, dependendo da faixa salarial e da idade, o aumento chegou a 50%. Os advogados do sindicato vão se basear no direito do consumidor para derrubar o aumento, já que ele inviabiliza a permanência de muitas pessoas na assistência médica.

A expectativa é boa, já que algumas entidades já entraram com ação semelhante e foram vitoriosas, a exemplo da Associação Nacional dos Servidores da Previdência Social (Anasps), sediada em Brasília, que conseguiu liminar favorável para seus associados em ação na 22ª Vara do Distrito Federal. Como o processo do Sindsep contra a Geap é coletivo, vai abranger todos filiados da entidade que são associados ao plano de saúde, sem ser necessário assinar procuração. Será anexada à ação uma relação com os nomes dos sindicalizados e será solicitado que a Justiça, ao apreciar a peça, contemple todos assegurados da Geap que constam na listagem.

ASSEMBLEIA

Os servidores da base autorizaram o ingresso na ação em assembleia realizada no dia 16 de fevereiro, na sede do Sindsep-PE, com a presença do advogado Cláudio Ferreira. Ele explicou que na ação vai ser exposto o caráter abusivo, já que o aumento médio aplicado aos demais planos de saúde privados foi de 17% a 23%, índices bem abaixo dos 37,55% aplicado pela Geap.

SOBERANIA

Fim da participação obrigatória da **Petrobras** no **pré-sal**

O Plenário do Senado aprovou, no último dia 24 de fevereiro, o projeto de lei que acaba com a participação obrigatória da Petrobras na exploração dos campos do pré-sal. Foram 40 votos pela aprovação, 26 contrários e duas abstenções. O texto, que agora será votado na Câmara, estabelece que a estatal possa escolher se quer ser operadora do campo ou se prefere se abster da exploração mínima de 30% a que a lei a obriga atualmente.

O parecer aprovado é um substitutivo ao projeto original do senador José Serra (PSDB-SP) que propunha o fim da participação obrigatória da Petrobras na exploração do pré-sal, mas não dava a ela a prioridade sobre os campos. Pelo substitutivo apresentado pelo senador Romero Jucá (PMDB-RR), caberá ao Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) oferecer à Petrobras a exploração mínima de 30% em cada campo e a empresa se manifestará se aceita ou não a responsabilidade.

Com a aprovação do substitutivo, o Brasil perde uma política de Estado e ganha uma política de ‘mercado’. Desde o início, o senador José Serra queria tirar a Petrobras do pré-sal, chegando a se comprometer com a norte-americana Chevron, caso o PSDB passe a governar o Brasil, a liberar a exploração para multinacionais. A luta feita em todo o país para que os recursos oriundos do pré-sal sejam investidos na melhoria da educação e da saúde dos brasileiros foi ignorada pelo Senado.

Em nota conjunta, a CUT e a FUP destacaram que o governo renunciou a política de Estado no setor de petróleo e permitiu um dos maiores ataques que a Petrobrás “ única empresa que tem condição de desenvolver essa riqueza em benefício do povo brasileiro” - já sofreu em sua história. Segundo a nota, “fazer acordo para aprovar o projeto de Serra é o sinal mais claro de que o governo se rendeu às chantagens e imposições do parlamento e do mercado, rompendo a frágil relação que tinha com os movimentos sociais e sindical.”

Apesar da aprovação no Senado, a luta não está perdida. Ainda tem a votação na Câmara e o Brasil tem condição de se contrapor ao que está em curso. A CUT, a FUP e os movimentos sociais estarão nas ruas para lutar contra o projeto que entrega a maior riqueza do povo brasileiro ao capital estrangeiro.

OS BASTIDORES

O governo Dilma foi pressionado a aceitar um acordo para aprovação do substitutivo depois que a bancada do PMDB fechou acordo com parlamentares do PSDB e do DEM. O acordo foi costurado pelo ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, que também é senador pelo PMDB do Amazonas e atualmente, em razão do cargo no governo, preside o CNPE. Antes da votação, Braga avisou à presidenta Dilma dos termos do acordo e da possibilidade real da aprovação do projeto de lei.

Desde o início da discussão, os senadores do PT se articularam e resistiram. O governo não pode se envolver diretamente na disputa, uma vez que parte expressiva de sua base, o PMDB, e particularmente o presidente do Senado, senador Renan Calheiros, apoiador do governo, tinham interesse na aprovação da matéria. No entanto, nem o governo nem a presidenta Dilma orientaram a bancada a ter outra posição que não fosse a de resistir.

TERRORISMO

Também no dia 24 de fevereiro, a Câmara dos Deputados aprovou o 2016/15, conhecido como lei antiterrorismo, que, a depender da interpretação, pode criminalizar os movimentos sociais e enquadrar manifestações de rua como ações terroristas. O projeto faz referência a crimes motivados por xenofobia, religião, discriminação ou preconceito de raça, cor ou etnia. Inicialmente, a proposta chegou a citar o caráter ideológico, mas o termo foi retirado. Mesmo excluindo as manifestações tidas como ideológicas do projeto, há um entendimento de que a interpretação é dúbia e deixa margem para enquadrar ações políticas como terrorismo e cercear os movimentos sociais.

“O **feminismo** deve ser uma **luta** pela **transformação** do **sistema social**”

NO MÊS EM QUE SE COMEMORA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER, O GARRA CONVERSOU COM MARIA BETÂNIA ÁVILA, DOUTORA EM SOCIOLOGIA, PESQUISADORA E FUNDADORA DO SOS CORPO - INSTITUTO FEMINISTA PARA A DEMOCRACIA. INTEGRANTE DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER (CNDM), BETÂNIA ÁVILA TAMBÉM É MILITANTE FEMINISTA DA ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS (AMB) E DA ARTICULAÇÃO FEMINISTA MARCOSUL - REDE DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS FEMINISTAS DO CONE SUL DA AMÉRICA LATINA.

GARRA - O machismo brasileiro está ligado historicamente à cultura escravocrata, onde senhores de engenho detinham o poder econômico e comandavam suas famílias, funcionários e escravos, sempre subjugando suas mulheres e escravas. Até hoje, em muitos casos, o homem continua detendo o poder econômico e de mando – não raras vezes de forma violenta - sobre sua família. Como lutar contra esses fatores históricos?

BETÂNIA ÁVILA - Acho fundamental localizar a questão do machismo na história do Brasil. Temos uma formação histórica brasileira calcada na dominação e exploração de gênero, de classe e de raça. As mulheres foram dominadas a partir de relações de gênero, entre pares, e relação de classe, entre homens e mulheres brancas com as mulheres negras. Antes vivíamos em um patriarcado racista. Em seguida, o capitalismo se inseriu na vida social do brasileiro, recuperando e reestruturando a organização desse patriarcado e desse racismo. E a divisão sexual do trabalho sempre se expressou no capitalismo em detrimento das mulheres. As mulheres recebem salários menores que os homens, mesmo realizando as mesmas funções. Existem relatos em livros, da origem dos processos de industrialização capitalista na Inglaterra, de mulheres trabalhando até o dia de parir seus filhos. Teve mulher que pariu seu filho no chão da fábrica. No atual estágio do capitalismo, continuamos com uma profunda desigualdade no mundo do trabalho e em todas as demais esferas da vida social. Os homens continuam sendo considerados provedores, mesmo que em muitos casos não sejam mais. Mas o homem tem uma representação cultural moral de ser o provedor, uma espécie de tutor da família, que teria mais direito que a mulher e, por isso, em muitos casos, trata a mulher como sua posse, o que gera a violência. A mulher tem que adquirir uma consciência crítica disso tudo. Uma consciência que leve a uma organização coletiva e a luta por igualdade. Mas a mulher não pode se enganar e lutar para se inserir nesse sistema capitalista em que vivemos como se isso fosse lhe garantir uma igualdade diante do homem e de mulheres de outras classes sociais. Isso porque o sistema capitalista é essencialmente patriarcal, racista e desigual. Então essa deve ser uma luta em contradição a esse sistema. O feminismo deve ser uma luta pela reestruturação de todo o sistema. Uma das expressões mais agudas do atual contexto social histórico é o arraigamento da perspectiva individualista. É o indivíduo. O eu e a minha carreira profissional. E nós temos que fortalecer cada vez mais a organização coletiva, levando em consideração, é claro, os processos individuais. É na organização coletiva que a mulher pode enfrentar a grande estrutura de dominação e exploração. É evidente que a mulher que integra um movimento coletivo também irá agir individualmente como sujeito, no seu dia a dia, contra o machismo e a desigualdade.

GARRA - O preconceito e discriminação contra a mulher está relacionado ao medo do homem em perder o poder de mando e de espaço no mercado de trabalho?

BETÂNIA - Acredito que essa é uma dimensão subjetiva ligada ao sistema em que vivemos, o qual, em princípio, só funciona com base na competição, na eliminação do outro ou da outra e na produção de desigualdade. Acredito que o homem pensa assim, mas isso não é uma particularidade do indivíduo descolada do que é a reprodução ideológica do sistema. O sistema capitalista faz com que os homens se comportem dessa forma. Existem muitos homens parceiros das mulheres e dos movimentos feministas. Engajados. Mas a grande maioria não quer perder seus privilégios. E aí surge o preconceito e a desqualificação das mulheres. Para justificar que elas façam todo o trabalho doméstico, que ganhem menos, que sejam violentadas. Os processos de violência contra as mulheres continuam agudos, graves e numerosos. E isso também é uma forma de dominação. E travamos uma luta enorme contra a violência, porque além de ela produzir vítimas, dores e traumas, ela é um mecanismo cotidiano de dominação e bloqueio das mulheres. A mulher que sofre violência sexual e ou doméstica vive em uma ameaça cotidiana e se torna muito mais vulnerável, com barreiras muito maiores para se realizar em sua vida como pessoa humana.

GARRA - O que você descobriu em sua pesquisa de mercado de trabalho? Como combater a hegemonia do homem e os salários diferenciados nesse mercado?

BETÂNIA - As mulheres estão, hoje, majoritariamente no mercado de trabalho. Estão nos lugares mais precarizados - essa situação ainda permanece -, recebem menos que os homens pelas mesmas funções e ainda têm que conciliar o trabalho com o trabalho doméstico. Pensar o trabalho doméstico no Brasil é um caminho fecundo para entender as contradições da formação social brasileira. O que as mulheres constroem no cotidiano para poder organizar essas duas esferas não conciliáveis? Por que conciliar trabalho produtivo e doméstico nesse sistema patriarcal e capitalista é impossível? Como alguém que trabalha oito horas, nove horas ou dez horas, vai chegar em casa e ainda trabalhar? Esse tempo sai do tempo de vida das mulheres. As mulheres articulam redes em seu cotidiano. As da burguesia e classe média contratam domésticas e estabelecem uma relação de classe. No Brasil, as trabalhadoras domésticas são, em sua maioria, mulheres negras. E aí se estabelece também uma relação de raça. E apesar dessas domésticas terem conquistado uma série de direitos nos últimos anos, a ideologia escravocrata da servidão ainda prevalece sobre essa relação de trabalho. Não é à-toa que a regulamentação do horário de trabalho só aconteceu em 2013. Porque as pessoas querem ter em suas casas servas sem tempo para suas vidas e com disponibilidade absoluta para o trabalho. As mulheres que não têm dinheiro para pagar outras mulheres, se arranjam entre as mulheres da comunidade ou entre sua própria família. Por não se sentirem obrigados ao trabalho doméstico, os homens têm muito mais tempo livre para se dedicar ao estudo e se qualificar. Além de não terem tempo livre, as mulheres sofrem com a carga ideológica das instituições. As empresas, por exemplo, consideram que o trabalho das mulheres deve ter uma remuneração mais baixa porque tudo que se refere às necessidades da reprodução da vida, como a criação dos filhos, é considerado como responsabilidade das mulheres e como perda de tempo e dinheiro para as empresas. Não enxergam que a criação dos filhos, a reprodução da vida é uma necessidade de toda sociedade! Então, a empresa paga menos porque as mulheres se ausentam por causa da licença maternidade, para levar as crianças no médico etc. Para combater esse processo só com a organização política das mulheres, lutando por novos direitos, por novas leis e pela implantação dessas leis. Essa é uma luta contínua pela reestruturação do mercado de trabalho e de toda sociedade.

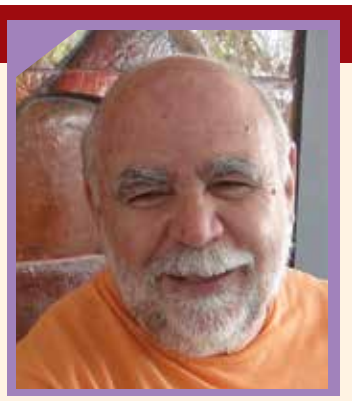
GARRA - Apesar da consciência política de diversas mulheres brasileiras nessas últimas décadas, o preconceito e a discriminação continuam sendo propagado e aceito por muitos no Brasil. Grande parte da sociedade, inclusive muitas mulheres, continua sendo machista. Queria que você nos falasse sobre a influência dos meios de comunicação, com suas novelas e programas de entretenimento, e das publicidades nacionais na propagação do machismo.

BETÂNIA - Os grandes meios de comunicação, aqueles que atingem massivamente a população, são empresas privadas e também capitalistas, racistas e patriarcais. Eles não têm nenhum interesse na mudança desse sistema. Pelo contrário. São aparelhos ideológicos violentíssimos da reprodução do que está aí. E o que eles fazem? Eles capturam as ideias transformadoras e adequam ao seu discurso de forma a aparentar um posicionamento progressista, mas que na verdade é uma maquiagem para dar prosseguimento ao mesmo sistema de dominação. Os meios de comunicação dizem que são contra a violência contra as mulheres, por exemplo. Veiculam matérias sobre a violência, mas não tratam da raiz da questão. Além disso, nas novelas, a violência contra as mulheres e entre as mulheres – essa última que não vemos normalmente na vida cotidiana - aparece o tempo todo. As mulheres sempre estão brigando por homens. As mulheres negras continuam, em rara exceção, como subalternas. Também propagam a imagem da grande executiva, que na vida real é a minoria das mulheres. Todos os programas de comédia são calcados na sexualidade violenta e nas mulheres como objetos sexuais, o que contribui para que um homem acredite que pode tocar no corpo de uma mulher que passa na rua. Um exemplo são as propagandas de cervejas que utilizam os corpos das mulheres. Ali não tem separação entre a cerveja e o corpo feminino. Quando eu compro uma cerveja eu estou sendo autorizado a um assédio sexual, portanto a uma violência sexual. O corpo das mulheres como objeto sexual é o que estrutura toda a lógica da comédia, da propaganda e de muitas novelas da televisão. Agora um grande ganho, trazido pela tecnologia, são os meios alternativos de comunicação, além dos meios de comunicação dos movimentos sociais progressistas, que se multiplicam na internet. Sites e portais sérios, feitos pro profissionais éticos, são importantes alternativas de informação. E acredito que todos devam investir cada vez mais nessa comunicação. É um mecanismo fundamental para uma luta contra hegemônica. É claro que ainda é uma luta desigual. Grande parte da população não tem acesso à internet ou não conhecem esses sites. Mas é o meio que temos para lutar.

> “As mulheres foram dominadas a partir de relações de gênero e de classe”

GARRA - Apesar da propagação do machismo nosso de cada dia, estamos vivenciando um grande avanço do feminismo por parte das jovens brasileiras. As meninas estão buscando a afirmação do feminismo a partir de suas próprias vivências. Elas estão dizendo não a atitudes machistas e isso tem provocado uma reeducação na juventude, inclusive nos meninos, que estão revendo antigos conceitos. O que fez com que essas meninas despertassem? Você acredita que estamos em meio a uma nova revolução feminista?

BETÂNIA - O feminismo, nesse momento, ganha uma expressão plural e múltipla enorme. O feminismo é uma revolução permanente, com momentos de mais ascensão e outros de crise. Mas hoje há uma proliferação de ideias feministas. Eu saliento muito a importância da luta coletiva, mas isso não significa que eu não admire as ações individuais de todas. Em seus trabalhos, famílias, escolas, universidades e na internet. Os movimentos feministas deram início a um trabalho de luta por igualdade e proliferação de ideias e, hoje, essa luta e ideias estão sendo debatidas por toda sociedade. Essa é uma conquista enorme do movimento feminista que fez com que as pessoas despertassem. E a gente identifica que existem muitos jovens homens engajados nessa luta. Essa juventude feminista é um sinal esperançoso.



Transparência, recursos públicos e administração

Um dos imperativos da gestão republicana, insculpido num dos parágrafos da Constituição Federal de 1988, é o ideal da transparência nos negócios públicos, em qualquer escalão da administração do Estado brasileiro. Como soe acontecer, facilmente um comando constitucional de tamanha importância para o pleno exercício de uma cidadania transformou-se num mero "slogan", numa palavra vazia empregada sem o menor pudor pelos governantes de turno. O que era para ser uma condição sine qua non de uma boa gestão transformou-se num mero recurso publicitário caro e enganoso.

Veja o que ocorreu com a propaganda institucional da Prefeitura do Recife exatamente sobre a "transparência": a assessoria de marketing do prefeito resolveu usar a palavra para fazer propaganda da gestão de Geraldo Júlio e conseguiu a proeza de colocar nos outdoors da cidade um cartaz que diz ser a gestão pesebista "campeã" de transparência. Aí está um exemplo de como usar o preceito constitucional da "transparência" para enganar os cidadãos e cidadãs. Em matéria divulgada pela TV Globo, a cidade campeã de transparência é Porto Alegre (RS), depois vem São Paulo. Nesse mesma matéria, não há nenhuma menção à Prefeitura do Recife.

Este ranking foi estabelecido pelo Ministério Público Federal. A Prefeitura do Recife deve confundir transparência com excesso de propaganda (enganosa). Haja vista a avalanche de peças publicitárias, sem conteúdo informativo nenhum, que abarrota as televisões locais. Mais grave é, com certeza, o caso do confrade de Geraldo Júlio, no governo de Pernambuco. Aí a coisa é trágica. Imagine o ponto mais agudo de uma epidemia de microcefalia (em Pernambuco: 1.700 casos), com hospitais fechados, falta de leitos ou vaga em UTI, demissão coletiva de médicos nas UPAs, falta de pagamento aos prestadores de serviço no setor de saúde, e o nosso gestor destina a bagatela de R$ 1.000.070,00 para compra das três capas dos jornais locais, no dia 23 de novembro de 2015, para quê?

> "Não se governa para as próximas eleições. Governa-se para atender as ingentes necessidades da maioria da população."

Para promover campanhas de filantropia privada! Bem ao modo dessa administração de estimular a transferência de responsabilidade dos serviços juridicamente tutelados pelo Estado, para as famílias, o mercado e a comunidade. Enquanto os usuários penam atrás da prestação uniforme e qualificada das ações na saúde, educação, emprego, segurança pública, cultura e lazer, a preocupação do governo é comprar flores para o seu gabinete, financiar os jornais locais, estimular a filantropia privada e pagar os compromissos financeiros da construção da Arena Pernambuco. E tome falação sobre a unidade, sobre as dificuldades do ano passado, sobre o caráter do sertanejo e nordestino e por aí vai.

Se nossas autoridades públicas querem "destravar" a situação econômica e social do Estado poderiam começar passando a limpo os grandes escândalos denunciados pela imprensa nacional (não a local) de Pernambuco, apurando as responsabilidades dos agentes envolvidos nesses escândalos e cuidar do povo pernambucano. As "belas" mentiras da propaganda oficial do governo municipal e estadual têm prazo de validade, tanto quanto a paciência do nosso povo. Não se governa para as próximas eleições. Governa-se para atender as ingentes necessidades da maioria da população.

PS: Agora nos chega a notícia que o governo do Estado alugou galpões da Moura Dubeux, sem licitação, para o acervo da CEPE. Logo de quem...

PELO MUNDO

Professores em greve na Argentina

Depois que as forças conservadoras retomaram o poder na Argentina, o país vive um momento de insatisfação generalizada da classe trabalhadora. O início do ano letivo foi marcado por uma grave geral dos professores em outras oito províncias: Córdoba, Santa Fé, Mendoza, Entre Ríos, Neuquén, Santa Cruz, Terra do Fogo e Chubut. O motivo foi a falta de acordo nas negociações salariais. Os professores reivindicam de 30% a 50% de reajuste.

Vaticano abre as portas para homossexuais

Em mais uma ação progressista que vem pautando sua atuação desde que assumiu o maior posto da Igreja Católica, o Papa Francisco recebeu, em fevereiro, um grupo de 50 gays, em uma audiência no Vaticano. A iniciativa é mais uma entre tantas outras implementadas pelo pontífice que vem quebrando antigos dogmas da religião e dialoga com setores historicamente excluído pela Igreja. Os gays fazem parte do grupo New Ways Ministry, entidade que prega a diversidade e direitos homossexuais no catolicismo.